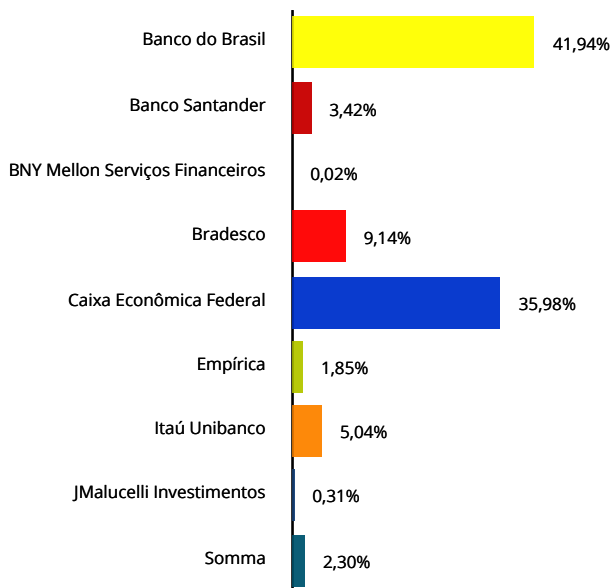


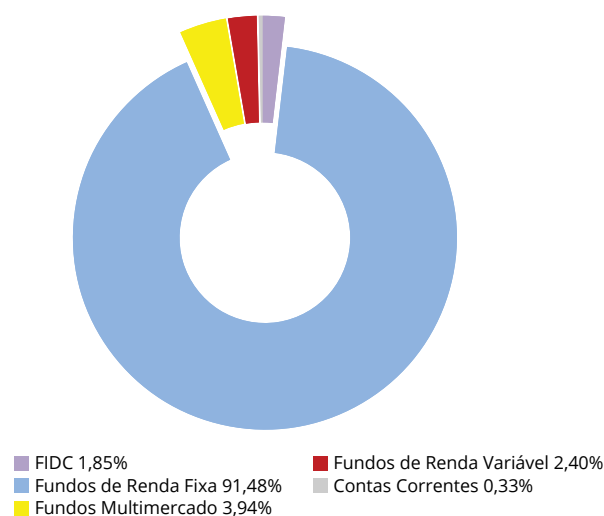
Os recursos do IPRESANTOAMARO são aplicados respeitando os princípios de segurança, legalidade, liquidez e eficiência.

A diretoria do Instituto, assessorada pela SMI Consultoria de Investimentos, vem buscando estratégias para que as necessidades atuariais do Instituto sejam alcançadas de acordo com os prazos estabelecidos. Neste mês a carteira de investimentos está distribuída da seguinte forma:

**Distribuição da Carteira por Instituição Financeira**



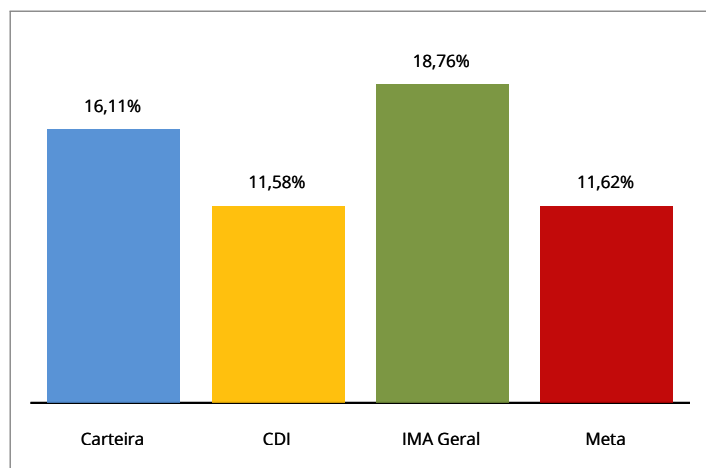
**Distribuição da Carteira por Segmento**



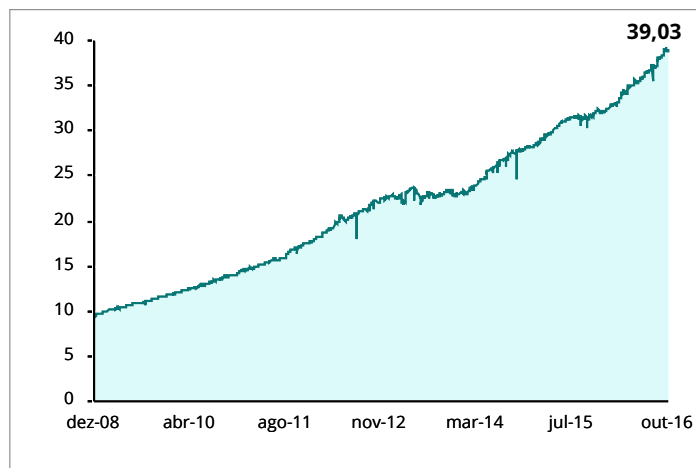
**HISTÓRICO DE RENTABILIDADE**

COMPARATIVO	NO MÊS	NO ANO	EM 252 DIAS ÚTEIS
<b>IPRESANTOAMARO</b>	<b>0,91%</b>	<b>16,11%</b>	<b>19,13%</b>
CDI	1,05%	11,58%	14,13%
IMA Geral	0,90%	18,76%	21,29%
Meta Atuarial - INPC + 6 %	0,66%	11,62%	15,04%

**Carteira x Indicadores em 2016**



**Evolução do Patrimônio (em R\$ Milhões)**



**Análise de Desempenho: A carteira do IPRESANTOAMARO tem como principal objetivo superar a Meta Atuarial.**



## Análise Macroeconômica

Nos Estados Unidos, os dados divulgados em outubro mostraram que desacelerou o ritmo de criação de vagas do país, apesar do aumento da atividade econômica no terceiro trimestre do ano. Estes resultados não foram uma surpresa e já eram esperados pelo mercado. No entanto, no último dia do mês, o resultado do PCE (deflator do PIB americano e índice de inflação utilizado pelo FOMC) revelou alta de 1% para 1,2% no acumulado em 12 meses. Este percentual de variação aproximou-se muito da projeção realizada pelos membros do FOMC em setembro, de inflação de 1,3% ao final deste ano. Apesar de o índice ainda tender a ficar abaixo da meta do Fed (2%), entendemos que os membros do Comitê de Política Monetária já se darão por satisfeitos com este nível de inflação e, por consequência, devem elevar a taxa básica de juros da economia americana na última reunião do ano, em dezembro. Para 2017, a tendência de gradualismo e cautela na condução da política monetária permanecerá, com o Fed elevando o juro apenas mais uma vez. Logo no início de novembro serão realizadas as eleições presidenciais nos Estados Unidos, que muito provavelmente terão Hillary Clinton como vencedora. Se Trump for eleito, no entanto, é provável que o FOMC mantenha o juro inalterado e Janet Yellen renuncie à presidência do Banco Central americano.

Outubro foi um mês sem grandes surpresas na Europa e na Ásia. Os indicadores do PIB da Europa e da China mostraram alinhamento com as expectativas. O PIB da China cresceu 6,7% no terceiro trimestre do ano, em linha com a projeção de mercado. A Zona do Euro teve uma elevação de 1,6% do índice, também de acordo com as previsões. O destaque ficou por conta do Reino Unido, cujo crescimento foi de 2,3%, acima da estimativa do mercado de 2,1%. A mensagem que fica é de que o curto prazo nestas regiões ainda não deve trazer grandes sustos, mas as dúvidas para o médio prazo permanecem.

Em outubro, a PEC do teto de gastos começou a avançar no Congresso! A Câmara aprovou a proposta na Comissão Especial e no Plenário em primeiro e segundo turnos, com ampla margem de votos. Agora a PEC precisa ser aprovada no Senado, primeiramente na Comissão de Constituição e Justiça, para então seguir ao Plenário – onde precisa passar por dois turnos de votação, com 60% dos senadores a favor. Renan Calheiros (PMDB-AL) promete que tal proposta termine sua tramitação no Senado até o final deste ano, antes do recesso.

A outra reforma fundamental para a economia do país é a da Previdência. O Governo deve enviá-la ao Congresso apenas depois da aprovação da PEC do teto de gastos, evitando se desgastar junto à população. A proposta final ainda não é conhecida, mas Temer fez uma sinalização importante: deverá igualar as regras de aposentadoria para os celetistas e os servidores públicos federais. No entanto, ainda não se manifestou de maneira mais clara sobre a previdência dos militares.

A perspectiva de uma política fiscal mais austera já impactou sobre a política monetária. O Comitê de Política Monetária do Banco Central decidiu cortar a taxa básica de juro em sua reunião de outubro, levando a Selic de 14,25% para 14% ao ano. Sua comunicação mostrou relativa satisfação com a redução das expectativas de inflação e, principalmente, com a velocidade do andamento da PEC do teto de gastos. Para que os juros possam cair de forma mais intensa, isto é, em 0,50 p.p., o Comitê quer ver a inflação de serviços cedendo e a citada PEC avançando ainda mais. Nosso cenário-base prevê que a partir de agora os cortes da Selic serão de 0,50 p.p., ocorrendo nas próximas sete reuniões, levando a Selic a 10,50% ao ano. Entretanto, se o IPCA de outubro e o IPCA-15 de novembro mostrarem uma perspectiva inflacionária menos favorável, o corte da Selic na próxima reunião deve ser de apenas 0,25 p.p. Mesmo nesse cenário, acreditamos que o ciclo deve se estender até que a Selic fique entre 10% e 11%.

Apesar de estarmos extremamente otimistas com as perspectivas para o país, devemos frisar que a principal fonte de riscos para nossas estimativas atuais é a possibilidade de que operações contra a corrupção aproximem-se de políticos ligados ao Palácio do Planalto. É claro que a busca pelo fim da corrupção é algo fundamental para um país. No entanto, há algum risco de as operações acabarem por atrapalhar o andamento político de reformas urgentes, necessárias e fundamentais para a retomada do crescimento do país no curto prazo. Por fim, vale também ressaltar que as reformas em questão são necessárias, mas não suficientes para o desenvolvimento econômico a médio prazo.

## Renda Fixa

O mês de outubro começou mostrando um ambiente de menor aversão a risco. A expectativa de um acordo para controle da produção do petróleo pela OPEP motivou o avanço do preço da commodity ao longo do mês, animando os mercados globais. Outro ponto que movimentou positivamente o mercado de renda fixa foi a aprovação da PEC do teto de gastos na Câmara dos Deputados. Por outro lado, a última semana de outubro foi marcada por um clima



mais adverso. O tão esperado acordo da OPEP não saiu, fazendo ceder o preço do petróleo. Além disso, o avanço de Donald Trump nas pesquisas eleitorais para eleição presidencial dos EUA trouxe tensão extra aos mercados.

A curva de juros teve mais um mês de considerável volatilidade, causada inicialmente pela decisão do COPOM (que decepcionou grande parcela do mercado que esperava um corte mais agressivo na SELIC) e, em sequência, pelas reações às pesquisas e novos fatos relevantes da disputa presidencial americana. A curva encerrou o mês com uma leve abertura na sua ponta mais longa, refletindo uma maior cautela com as eleições norte-americanas e a continuidade das incertezas em relação às medidas de ajuste fiscal locais.

A entrada de recursos via repatriação pressionou a moeda americana para baixo, fechando o mês com 2% de queda. Até o dia 25, a moeda caía quase 4%. A recuperação se deu na última semana do mês, por conta do ambiente mais tenso e da proximidade do fim o fluxo de recursos oriundos da repatriação, fechando a R\$ 3,1811.

## Renda Variável

O mês de outubro foi marcado por um forte movimento de alta nos ativos de renda variável, fazendo o Ibovespa subir 11,23% e o dólar recuar 1,94%. A percepção do risco-Brasil segue trazendo pouco impacto, pois por mais que tenhamos um ambiente de crise política interna com muitos desgastes, as reformas fundamentais avançam e avalizam o governo perante o investidor. A evolução da PEC do teto de gastos na Câmara foi determinante para a performance da Bolsa, pois evidencia o caráter austero das estratégias do Governo no equilíbrio das contas.

Além disso, o início do período de repatriação de recursos sediados no exterior favoreceu a apreciação do real, por meio do forte fluxo financeiro e do movimento da Bolsa. A política monetária também começou a dar sua contribuição na redução dos juros, uma vez que para as empresas, juro alto é custo de capital. Os indicadores de atividade ainda engatinham, mas vale lembrar que o atual mercado é comprador de expectativa, sendo que esta só vem melhorando nos últimos três meses.

No âmbito externo, a migração da expectativa da alta de juros de outubro para dezembro também contribuiu para o nosso mercado, pois o "smart money" do investidor estrangeiro recebeu mais uma janela de 60 dias para permanecer no país. Além disso, percebemos que o fluxo de capital estrangeiro na Bovespa voltou a aumentar em outubro. Nos EUA, tivemos momentos de maior estresse na reta final da campanha presidencial. Ainda que Hillary esteja à frente, Donald Trump ganha espaço, e isso fez com que o S&P500 cedesse 1,94% no mês.